

Domingos Preto

Distrito da lendária e secular cidade de Cachoeira, no Recôncavo, Santiago do Iguape, às margens do Rio Paraguaçu, é um povoado onde falta quase tudo, ao mesmo tempo em que conserva uma beleza natural rara e é outro reduto do que há de melhor no samba de roda baiano. Lá permanece, há 66 anos, Domingos da Conceição, mais conhecido como Mestre Domingos Preto. Este Mestre trabalhou a vida inteira na pesca, na roça e foi também carpinteiro naval. Entre todas as coisas que aprendeu e entre todas as suas paixões, que, aliás, não foram poucas, nada supera o samba chula. “Se me perguntar, ‘você prefere uma seresta ou um samba...’ se me disserem ‘você vai arranjar uma paquera na seresta...’ eu prefiro o samba sem paquera, paquera você arranja qualquer hora, eu sou fanático pelo samba. Eu tirei samba até de surra que tomei da minha mãe.” Mestre Domingos não toca viola, mas é um craque no pandeiro e canta muito bem. Lamenta que hoje não se encontre tanto violeiro bom como antes e lembra que no passado havia, no canto da chula, uma variedade maior de tonalidades, o cantador tinha que ter “muita garganta.” Para este Mestre, o samba de roda veio do caruru de São Cosme. “Meu pai sempre dizia, que se não fosse o caruru de Cosme num tinha samba.” Ele acredita que o samba chula deve se extinguir, uma vez que os jovens não teriam mais talento para o samba ou não têm interesse em aprender, os jovens hoje “só fica atrás das mulhé sambando: ui, ui, ui”!

Domingos Preto, depois de ter tocado vários anos no grupo *Suspiro do Iguape*, fundou recentemente seu grupo *Geração do Iguape*, que mantém ensaios regulares e abertos numa rinha de galo. Este grupo que tem um naipe de percussão poderoso, preserva a rara tradição de tambores artesanais, cavados num único tronco de árvore e cobertos de pelo de cobra.